

Sagradas Escrituras. O livro não se atém a receitas e regras prontas para algumas formas ou estratégias de missão, antes oferece um fundamento conceitual amplo, que se aplica a qualquer trabalho missionário.

De modo geral, é uma obra de fácil assimilação, tem uma seqüência lógica de pensamento e de estruturação do assunto. A atualização, bem como as perguntas para a reflexão e discussão após cada capítulo, são de grande valor pedagógico por trazerem o assunto para perto do leitor, envolvendo-o no plano missiológico de Deus. Recomendo o livro, tanto para o ensino como para o aprendizado autodidático, pois muito contribui para a definição da tarefa missionária em nossos dias.

Waltraut Müller
Faculdade Luterana de Teologia – MEUC
São Bento do Sul, SC

FEE, Gordon D. *Paulo, o Espírito e o povo de Deus*. Campinas: United Press Ltda, 1987. 222 pp.

O autor, Gordon Fee, é um erudito neotestamentário pentecostal, professor de Novo Testamento no Regent College em Vancouver, Canadá. De seus livros, o que merece destaque especial é *God's Empowering Presence*, uma obra exegética excelente e exaustiva a respeito do assunto “o Espírito Santo” nas cartas de Paulo. O presente livro é uma adaptação mais acessível da obra erudita acima citada, estando ao alcance de leitores menos versados em Teologia. Entre os diversos livros que Fee escreveu destacam-se os comentários sobre 1 Coríntios, 1 e 2 Timóteo e Tito, na coleção *The New International Commentary on the New Testament*.

Esse livro é de grande importância para os nossos dias, nos quais reina tanta confusão em torno da doutrina do Espírito Santo e dos dons espirituais. A abordagem é sóbria e fiel ao testemunho bíblico, destacando a importância do Espírito Santo para a vida da comunidade cristã.

Em *Paulo, o Espírito e o Povo de Deus*, Gordon Fee defende a centralidade do Espírito Santo — ao lado de Jesus Cristo crucificado e ressurreto —, na teologia e experiência de Paulo, tanto para a vida cristã individual do crente, como, principalmente, para a vida da comunidade cristã como povo escatológico de Deus.

A experiência do Espírito não é vista como algo estático, mas dinâmi-

co. Toda a vida cristã é, na realidade, ação do Espírito. Fee enfatiza que o cristianismo primitivo vivia muito mais cômico da presença e da atuação do Espírito Santo do que nós hoje. Isso se manifestava pelo seu testemunho, pelos dons e frutos. A igreja se compreendia como inteiramente escatológica, no sentido do “já/ainda não”. Era uma proposta de vida do futuro na presente era, o que tinha importantes implicações éticas. A partir dessa perspectiva a igreja primitiva fazia diferença na sociedade secularizada e pagã.

A “estrutura escatológica” é um aspecto muito importante para a compreensão de Paulo com relação ao Espírito. Em outras palavras, com a ressurreição de Cristo e a vinda do Espírito como cumprimento das promessas do AT, o futuro já começou e está andando rumo à consumação final. Portanto, não podemos separar a experiência do andar no Espírito da perspectiva escatológica que domina o pensamento de Paulo. Dentro dessa estrutura, a salvação em Cristo é a preocupação essencial. A salvação é escatológica no sentido de salvação final, mas já é uma realidade presente por meio de Cristo e do Espírito.

A experiência da vida no Espírito não é algo pessoal somente, mas é também uma grandeza “comunitária”. Isso quer dizer que, pelo Espírito, ocorre o retorno da presença pessoal de Deus para habitar em e no meio do seu povo, fazendo dele o seu templo, o lugar de sua habitação pessoal na terra. O propósito de Deus é criar um povo escatológico, o corpo de Cristo, que viva a vida do futuro já no presente, por intermédio da experiência comum do Espírito.

Convém destacar que Paulo sempre aborda o Espírito de “forma trinitária”, o que é fundamental para a teologia cristã. Não se pode dissociar o Espírito nem do Pai nem do Filho. A salvação como um todo está relacionada à Trindade: o Pai enviou seu Filho, que morreu e ressuscitou, e também enviou o seu Espírito para tomar a salvação eficaz nas vidas dos que crêem. A salvação é uma obra trinitária do início ao fim.

Paulo destaca o papel do Espírito como o “elemento central da vida cristã”: tanto para ouvir como para compreender o Evangelho; tanto para pregar como para aceitar a mensagem; tanto para reconhecer o pecado como para confessá-lo; tanto para obter a salvação, como também a santificação; tanto para o andar diário no Espírito por meio de uma conduta ética, como para obedecer a vontade de Deus; tanto para uma vida frutífera pessoal como comunitária.

O Espírito Santo é a presença de Deus Pai e Deus Filho na vida do corpo. Tudo isso é obra da Trindade: o Espírito é a presença fortalecedora de Deus, transformando-nos na semelhança de Cristo, para a sua glória. É o

Espírito de Deus que produz em nós as virtudes que agradam a Deus: esperança, alegria, oração, forças para enfrentar o sofrimento e assim por diante. O Espírito é quem edifica o corpo pela sua presença e pelos dons que ele concede.

Fee não criou uma nova teologia; ele simplesmente colocou as ênfases corretas nos lugares certos com relação aos temas centrais da fé cristã: a Trindade, o Espírito Santo, e a experiência da vida cristã pessoal e comunitária, resgatando a vida abundante em Cristo vivenciada pelos primeiros cristãos. Nesse sentido, o livro serve de orientação e correção para nós hoje.

Esse livro é excelente para a edificação espiritual de uma vida vitoriosa no Espírito. Além de ser esclarecedor e de fácil assimilação, apresenta grande profundidade teológica. Penso que é um ótimo livro para ser usado na edificação da igreja. O próprio título descreve muito bem o objetivo e o conteúdo do mesmo.

Waltraut Müller
Faculdade Luterana de Teologia – MEUC
São Bento do Sul, SC

Da Reforma Protestante à Pentecostalidade da Igreja: Debate sobre o Pentecostalismo na América Latina. Bernardo Campos. Tradução de Walter Altmann. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2002. 102 pp.

A obra de Bernardo Campos, teólogo peruano de experiência pentecostal, é uma proposta de diálogo inter-religioso que pretende ser uma contribuição do pentecostalismo para a unidade da Igreja. Campos define a Pentecostalidade como a força do Espírito (Pentecoste) que torna possível a Igreja como corpo de Cristo e povo de Deus. Também afirma que o pentecostalismo seria apenas uma das ramificações desse movimento plural e disperso. Ao longo das páginas do livro, fica evidente o seu anseio de que o pentecostalismo seja autenticamente pentecostal.

O livro traz em suas páginas um contexto mais próximo de nós, pois utiliza as experiências vividas em alguns países da América Latina, especialmente no Peru. O autor divide a obra em três capítulos nos quais, primeiramente, faz uma retrospectiva da Reforma Protestante, diferenciando e qualificando a Reforma em dois momentos distintos: a reforma oficial e a radical. A reforma oficial, destaca ele, não foi um movimento leigo ou dos campones-

ses, mas sim dos sacerdotes, nobres e príncipes, em que estar contra a heresia era estar a favor dos poderosos. De outro lado, a reforma radical iria além de Lutero e Zwinglio. Aqui o autor destaca os anabatistas como que o verdadeiro cristianismo do Espírito, em que a Igreja não podia ser confundida com o Estado e o corpo de Cristo não poderia ter relações com a corrupção.

Campos define a Reforma como sendo “um movimento de reformas de diversas índoles e motivações, onde cada um, em parte, se sente devedor de uma ou outra corrente” (p. 26). Para ele, as diferenças entre essas duas “reformas” são claras: a oficial foi antieclesiástica, com conseqüências sociais; antifeudal, irrupção da burguesia; e de ideologia revolucionária. A reforma oficial, porém, sustentou a burguesia e adaptou-se às transformações. Por outro lado, a radical expôs as posições e intenções da própria Reforma, vindo a ser mais profunda, separando Igreja de Estado.

No segundo capítulo, Campos trabalha a partir das perguntas norteadoras do livro: De que forma o pentecostalismo contribui para a transformação social? Como o pentecostalismo, como religião popular, favorece ou impede o desenvolvimento social? À luz dessas questões, discorre sobre várias linhas de pensamento em torno do tema. O pentecostalismo seria uma alternativa e resposta às mudanças culturais e estruturais que resultam da migração. Nesse caso, o migrante busca afinidade emocional e reconhecimento pessoal, uma espécie de refúgio das massas oprimidas, que criam um contrapoder político-religioso local em resposta à aflição e ao sofrimento da sociedade. O pentecostalismo propõe às massas a fé num Deus de amor e a certeza da salvação, oferecendo a humanidade que a sociedade lhe nega. Isso não dá prestígio social, mas permite a recuperação da identidade. Aqui Campos analisa as derrotas do catolicismo, que é alheio aos interesses populares, cheio de formalidades estruturais, com caráter erudito que tenta deter o sagrado e, que por fim, perde terreno por estar historicamente associado ao poder político.

Quanto à ideologia do pentecostalismo, Bernardo Campos afirma que ele oscila entre movimento e igreja, e que surge quando a espontaneidade dá lugar à burocracia e a contemplação do espírito perde espaço. Tem uma eclesiologia que preconiza o Pentecoste; uma escatologia de milenarismo apocalíptico e não-messiânico; uma visão positiva da criação; uma antropologia radical entre carne e espírito, já que o ser humano existe para Deus e não para si; e uma pneumatologia que dificulta uma hermenêutica científica da Bíblia.

No capítulo final o autor trabalha mais a questão que envolve, ou deveria envolver, a unidade da Igreja. Mas ele mesmo deixa explícita a carência de